

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

HELEN CRISTINA JERÔNIMO DE ARAÚJO

AFASTADOS DA TERRA

Narrativas sobre a construção dos bairros Jardim Alto Alegre e Recanto Verde Sol e histórias de vida de seus moradores, a partir da década de 1980

São Paulo

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

HELEN CRISTINA JERÔNIMO DE ARAÚJO

AFASTADOS DA TERRA

Narrativas sobre a construção dos bairros Jardim Alto Alegre e Recanto Verde Sol e histórias de vida de seus moradores, a partir da década de 1980

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação *lato-sensu* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como parte integrante dos requisitos para obtenção do título de Especialista em História, Sociedade e Cultura, sob orientação do Prof. Dr. Claudinei Cássio de Rezende.

São Paulo

2021

AGRADECIMENTOS

Esse não é meu primeiro trabalho acadêmico, mas esta é minha primeira página de agradecimentos. Esse trabalho foi um processo doloroso e caótico, ao mesmo tempo que uma grande demonstração de carinho e consideração por parte de todos que colaboraram de alguma forma. Gosto de pensar - e afirmo nas páginas devidas - que foi um trabalho em equipe, onde todas as vozes que falaram e todas as mãos que escreveram foram vizinhas num mesmo fazer: contar histórias.

Contar História. Com “H” maiúsculo. Uso essa página para explicar o motivo desse tema existir: em não somente um momento da vida, vi pessoas deslumbradas com histórias de grandes e públicos feitos, e acanhadas com a sua própria. Quando, em resposta, demonstrei meu interesse não a esses grandes feitos públicos, mas aos grandes feitos das histórias dessas pessoas, a resposta vinha com surpresa ou espanto. Uma prima de segundo grau chegou a comentar algo como “mas essas besteiras que eu conto de minha vida são História?”. Essa frase inocente adicionada a tudo o que nós, migrantes ou moradores de subúrbios e periferias da “cidade grande”, passamos, me deu combustível suficiente para escrever - e sofrer enquanto escrevia - partes de nossa História.

Sempre ouvi “você não mora, se esconde”, quando tentava explicar meu endereço. Mas, sob a lógica do “Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé”, eu pergunto: porque eu, *nós*, “não moramos, não escondemos” e não vocês, que nos dizem isso? Não é a mesma distância a do ponto A-B se comparada ao ponto B-A? Eu me escondo, ou sou escondida sob escombros da insuficiência daquilo que nos “oferecem” por emprego, transporte, saúde, educação, etc.?

Agradeço a meus pais, Heronita e Paulo César que, como podiam ou compreendiam da vida, me influenciaram no interesse nas artes e nas memórias narradas. Me incentivaram nos estudos e me cobraram o melhor desempenho que eu poderia apresentar. Agradeço à minha irmã e melhor amiga Evellin, por, comigo, cavalgar em martelo agalopado e viajar com loucos pensamentos. Agradeço a meus familiares, por restituírem o Nordeste em mim, como cultura, como povo, como terra, como luta, como guerra. Agradeço a meus parentes, vizinhos,

amigos de infância - *Manolos* - e seus familiares, por participarem das entrevistas, por contarem suas histórias. Agradeço à vizinhança solidária do Jardim Iguatemi, que nos últimos momentos e sem me conhecer me indicaram fontes, ou simplesmente desejaram sorte. Agradeço àqueles que indiretamente colaboraram com esse trabalho, em todos os momentos em que desabafei com muita raiva e cansaço. Agradeço a Ana Silvia Bloise e Kico Tamberlini por tudo o que aprendi trabalhando no Museu Vicente de Azevedo, sobre o que é ser artesã, sobre História Oral, história das ruas da cidade, entre outras pesquisas e experiências que me serviram de modelo para esse trabalho, de alguma forma. Agradeço a Lucas Carlos de Oliveira Silva pelos conselhos eremitas e toda a sabedoria biblioteconômica, uma ciência absolutamente necessária. Agradeço a meu orientador, Claudinei Cássio de Rezende, por confiar no que nem eu confiei, e dar espaço para esse sabiá poder voar. Agradeço às minhas amigas desse curso de especialização, as meninas do *Bandejão* - com certeza a parte mais maravilhosa de toda a PUC: porque proletárias, bravas e revolucionárias em suas profissões. Agradeço a Zé Ramalho da Paraíba, por essa voz trovejosa e conterrânea que sempre me salva em todas as aflições, e que sempre me rasga e me fere com a Terceira Lâmina, alimentando essa lava vulcânica que é a minha escrita. Agradeço àquilo que há de tão grande no Universo, que não sei bem o que é, mas que me salva dos horrores cotidianos. Por fim, faço como Snoop Dogg: agradeço a mim, por não desistir do curso. Agradeço a mim, por brigar pelo que acho justo. Agradeço a mim, por cruzar a cidade todos os sábados, com ou sem crise de pânico, para frequentar, ou muitas vezes *enfrentar* as aulas. Agradeço a mim porque, nesse mundo de falsas modéstias, vaidades sem razão e outros vícios que alimentam padrões nocivos, preconceitos e o próprio capital, esquecemos de reconhecer o nosso próprio esforço. E temos que reconhecer. E lutar.

*O poeta inicia sua prece
ponteando em cordas e lamentos
escrevendo seus novos mandamentos
na fronteira de um mundo alucinado*

Zé Ramalho da Paraíba

Resumo

Esta monografia apresenta entrevistas feitas com moradores dos bairros Recanto Verde Sol e Jardim Alto Alegre, ambos pertencentes à subprefeitura de São Mateus, Zona Leste da cidade de São Paulo, obtidas a partir do trabalho com História Oral, baseado nas ideias de oralidade e narrativa de Alessandro Portelli e Walter Benjamin, e inspirado nos propósitos de escrita do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto e outras obras de arte cinematográfica a respeito da situação dos migrantes em São Paulo. A partir do relato desses moradores paulistanos, paraibanos, baianos, mineiros e descendentes de potiguares, foram sendo apresentados diversos caminhos para posteriores pesquisas na região, com propósito de tornar reconhecidos esses jovens bairros periféricos, tanto em geografia, história e memória para conhecimento dos próprios moradores e concidadãos, como em documento que seja de interesse acadêmico, econômico, cultural, social. Não menos importante, a escolha da história oral se deve ao fato de: ninguém melhor para contar uma história, senão aquele que a viveu.

Palavras-chave: História Oral. História Social. História de São Paulo. Zona Leste de São Paulo. Migração.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
JUSTIFICATIVA	10
REFERENCIAIS TEÓRICOS	12
NA VOZ DE UM CANTADOR: O PAPEL DE UM NARRADOR	14
TELL ME, BABY, WHAT'S YOUR STORY?: ANÁLISE DAS FONTES	17
Tornei, tornaram-me sobre-vivente: do barro se fez bairro	19
Como e corro, trafego na rua: transporte	24
Criança não trabalha: escola, esporte, brincadeiras	26
Migrantes e o choque de cultura	34
Retorno	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
FONTES	44
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

São Paulo é uma cidade grande, com grande número de moradores e visitantes: milhões de pessoas de todos os lugares possíveis. Mas essa é uma cidade que não pode ser resumida, e tem muitas histórias por contar.

O presente trabalho é uma costura de narrativas sobre pequenos e jovens bairros em um dos extremos da cidade. Nessas narrativas, há questões a serem investigadas esperando a visibilidade e “inserção histórica” de sujeitos migrantes e de uma região tão importante para o funcionamento da cidade que é, ao mesmo tempo, tão pouco comentada. Esses pequenos bairros são constituídos por trabalhadores que, ao longo dos últimos quarenta, cinquenta anos, foram buscando alternativas de moradia, já que não receberam como direito por aqueles que administram a cidade.

Esses bairros estão localizados na Zona Leste da cidade de São Paulo, região que, sozinha, possui mais de 4 milhões de habitantes. Fazem parte do distrito do Iguatemi, da subprefeitura de São Mateus, na Zona Leste 2. A delimitação da pesquisa será em torno da Avenida Bento Guelfi e os bairros Recanto Verde Sol, Jardim Limoeiro, Terceira Divisão e Jardim Alto Alegre.

São pequenos bairros formados em antigas chácaras e morros com vegetação típica, próximos a nascentes dos rios Aricanduva, Limoeiro e Palanque. Seus moradores, possivelmente grande maioria, de migrantes, especialmente de vários estados do Nordeste. Todos os dias eles cruzam a região, demorando mais de uma hora para chegar no centro da cidade, e trabalham nos mais diversos setores, sendo, portanto, parte ativa no funcionamento da capital. Mas sua região é pouco conhecida e estudada.

A maior parte do histórico publicado chega até o bairro de São Mateus: a antiga fazenda Rio das Pedras teve 50 de seus alqueires vendida aos irmãos Bei, que lotearam o local, vendendo terrenos a baixo custo para trabalhadores de baixa renda, na década de 1950.¹ O bairro, desde então, não para de crescer, e tornou-se subprefeitura, dividida em três

¹ HISTÓRICO. Subprefeitura São Mateus. Prefeitura da cidade de São Paulo. São Paulo: 2020. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_mateus/historico/index.php?p=438>. Acesso em: 26 jul. 2020.

distritos: São Mateus, São Rafael e Iguatemi, este último vizinho à Cidade Tiradentes e tema desta monografia.

A partir da História Oral, modo riquíssimo de coleta de memórias, busca-se encontrar pistas e novidades a partir do olhar de quem viu e agiu para o bairro nascer, crescer e se modificar.

JUSTIFICATIVA

Falar sobre esse assunto é urgente, visto que boa parte, senão a maioria das fontes será obtida via entrevistas, e muitos dos antigos moradores ou têm idade avançada, ou continuam migrando para outras localidades.

Essa pesquisa possui relevância social, porque muitos dos moradores não conhecem ao certo a origem do local, já que é um espaço em constante mudança e que recebe novos moradores de vários cantos do país, ou mesmo estrangeiros. Conhecer, portanto, sua história, possibilita a construção da identidade de jovens que nascem, vivem, estudam nesses bairros; permite trazer o sentimento de pertencimento junto aos vizinhos, um incentivo para associação em busca de melhorias e preservação de seu espaço, pois preserva aquele que conhece e reconhece a importância histórica de seu bairro tanto para os moradores, como para a configuração, manutenção e desenvolvimento da cidade ².

Possui relevância política, pois entendendo como se deram ocupações e loteamentos, quanto tempo demorou e como se deram suas conquistas³, é possível continuar a luta por melhores condições, com argumentos aprofundados e reivindicações feitas por prioridade de urgência, por exemplo. Tema retratado por Sousa sobre a ação popular em São Mateus:

Recuando no tempo, defrontamo-nos com os movimentos populares de saúde, moradia e do custo de vida nos anos 1970 e 1980 e com as mobilizações de associações locais por asfaltamento, transporte e abertura de escolas nos anos de 1960 e 1950, rico campo de estudo ainda não explorado pela historiografia.⁴

² Um exemplo é o bairro do Ipiranga: por ser a colina histórica da Proclamação da Independência e ter sua história contada e recontada, possui vários museus e centros de memória - o Museu Paulista da USP, Museu de Zoologia da USP, Museu Vicente de Azevedo da Funsai, Memorial da Santa Paulina -, além de jornais locais e associações de moradores.

³ É possível citar o bairro vizinho, Jardim da Conquista, como exemplo. Também pertencente à subprefeitura de São Mateus, o bairro teve início com organização comunitária e possui hoje um site que divulga sua história e acompanha notícias relacionadas à região. Disponível em: <<https://comunidadejardimda.wixsite.com/jardim-da-conquista>>. Acesso em 24 jan. 2021.

⁴ SOUSA, Adriano José de. Cotidiano e lutas sociais na periferia de São Paulo: sujeitos históricos da urbanização de São Mateus (1950-1992). In: HISTÓRIA & DEMOCRACIA: PRECISAMOS FALAR SOBRE ISSO. ANAIS DO XXIV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-SP, 2018 Anais [...]. Guarulhos: UNIFESP, 2018. p. 2.

Possui relevância historiográfica, visto que compõe a história da cidade de São Paulo, sendo sua região mais populosa, com moradores trabalhadores que alimentam a economia da cidade, seja prestando serviços, seja consumindo produtos. Moradores que têm sua origem em diversas cidades e estados do país, ou mesmo outros países, portanto é a escrita de uma história que se conecta com diversas outras.

Por mais que cada vez mais recorrentes, os estudos sobre migrantes em São Paulo ainda são insuficientes e cheios de lacunas, pois historicamente é sabido que a preferência foi dada para as classes dominantes e os “grandes feitos” de nomes “ilustres”. Contar a história a partir da perspectiva de quem a viveu é dar oportunidade para que vozes sejam ouvidas. Para que esses narradores se sintam parte da formação e transformações do lugar em que vivem, e protagonistas de sua própria história.

Possui relevância teórica pois, a partir dessas primeiras pesquisas, haverá bibliografia para trabalhos posteriores, mais aprofundados e inovadores, capazes de mudança e autonomia de toda uma população.

Além disso, o espaço possui importância ecológica, considerando toda uma área verde e nascentes de rios - Aricanduva, Limoeiro e Palanque - com elementos de Mata Atlântica a serem estudados por outras áreas do conhecimento.

Produzir historiografia sobre esse local e período é um ponto de partida para tornar conhecida, reconhecida e legitimada parte importante e fundamental da cidade.

REFERENCIAIS TEÓRICOS

Os historiadores estudados analisaram como fonte principal a história oral, investigando, por meio de entrevistas, memórias de moradores em locais e períodos pertinentes para cada pesquisa. Paulo Fontes particularmente, estudou ainda jornais e fotografias, acervo da Nitro Química, contratante dos trabalhadores, atas da câmara municipal entre outros documentos ligados a essas pessoas que constituíram o bairro de São Miguel.

Buscou retratar esse material de modo que as histórias individuais e coletivas prevalecessem, com a visão de que esses moradores-trabalhadores são protagonistas e não componentes anônimos de uma massa subjugada e manipulada

[...] interessa perceber como esses mesmos trabalhadores atuaram sobre o processo de urbanização e tornaram-se atores políticos fundamentais da vida na cidade, muitas vezes articulando organizações comunitárias com sindicatos e partidos de base popular e estabelecendo uma tensa relação de reciprocidade com as lideranças políticas.⁵

Adriano José de Sousa, para seu artigo, utilizou-se da história oral e matérias de jornais, sobretudo locais, escrevendo sobre a história do bairro do ponto de vista de quem vive nele seu cotidiano e quem por ele luta por melhorias estruturais. Escolheu a história oral como eixo central de seu artigo - pesquisa que faz parte do seu mestrado em andamento -, com base no que afirma Alessandro Portelli: “humanizando a história, ela amplifica a voz e os sentidos que os indivíduos dão às suas histórias de vida e experiências sociais, sendo papel do historiador ser ouvido atento às suas narrativas”⁶. Pensamento convergente com as intenções da monografia.

Já Valéria Magalhães⁷ possui uma lista extensa sobre migração nordestina, também citando Fontes, que, ao que tudo indica, é referência sobre o tema na última década. A professora da USP Leste também se utilizou de entrevistas para apontar as condições de

⁵ FONTES, Paulo. Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. p. 21.

⁶ PORTELLI, 2015: p. 31-32 *apud* SOUSA. Adriano José de. Cotidiano e lutas sociais na periferia de São Paulo: sujeitos históricos da urbanização de São Mateus (1950-1992).

⁷ MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Nordestinos na zona leste de São Paulo: subjetividade e redes de migrantes. *Travessia: Revista do Migrante*, São Paulo, v. 28, n. ja/ju 2015, p. 99-112, 2015. Disponível em: <<https://bdpi.usp.br/item/002756519>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

migração dos entrevistados, o tratamento recebido pela população local e os acontecimentos que os levaram a migrar e permanecer na cidade. Contudo, das dezesseis entrevistas, poucas possuíram citação direta e, se foram citadas, estavam no papel secundário de corroboração com a ideia apresentada pela autora. Talvez tenha ligação com o recorte apresentado no resumo do trabalho, mas a abordagem poderia ter tido maior aproveitamento.

O trabalho mais próximo do que se pretende é o de João Carlos de Souza, que pesquisou quatro bairros próximos, nas subprefeituras de Ermelino Matarazzo, Itaim Paulista e Guaianazes. Foram trinta entrevistados, relatando sobre experiência de trabalho formal, dos movimentos sociais de ocupação, de dificuldades de conseguir moradia em uma cidade em que não possuíam confiança ou mesmo respeito dos moradores locais, como relatou Dalva para o entrevistador

Eu pensava que São Paulo, que o povo, o nordestino quando vinha para aqui, eu achava na minha mente lá, né, que chegava aqui e era o mesmo tratamento, era o mesmo... eles davam o mesmo apoio pra gente e né... Mas chegando aqui, quando eu vi aquele povão, uma discriminação total para com o nordestino, né [...] o nordestino tinha menos valor que um cachorro.⁸

⁸ SOUZA, João Carlos de. Cultura e valores: representações dos ocupantes de terra na zona leste de São Paulo. São Paulo: PUC, 1993. p. 10.

NA VOZ DE UM CANTADOR: O PAPEL DE UM NARRADOR

*Dos que vivem calados
pendurados no tempo
esquecendo os momentos
na fundura do poço
na garganta do fosso
na voz de um cantador⁹*
Zé Ramalho

Contar histórias é um modo de manter fresca a memória e passar a interpretação de fatos acontecidos em determinada época e local adiante. É uma das mais antigas atividades de comunicação humana, onde são passados valores, sentimentos, conselhos, opiniões e, claro, uma visão muito particular das coisas. São clássicas as cenas em que os mais novos se sentam ao pé dos mais velhos e ouvem com bastante atenção o que aqueles mais vividos têm a dizer. Esse tão simples ato carrega não só o peso e a importância de manter a história viva, mas também é um vínculo entre familiares, entre tempos.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.¹⁰

Walter Benjamin disse que a narrativa “durante tanto tempo floresceu num meio de artesão”, e que narrar é uma forma artesanal de comunicação, não estando “interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”¹¹. E que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.”¹² E é esse o caminho que segue

⁹ Estrofe de A Terceira lâmina, de Zé Ramalho, lançada em seu terceiro disco, no ano de 1981. Para título desse texto, o verso “Afastados da terra” possui dois sentidos: o afastamento da terra natal, e o afastamento *na* terra para a qual se migrou, visto que tudo é afastado: o centro, o poder público, os direitos básicos de saúde, saneamento, educação, lazer etc. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gy3c_sWRg9w> Acesso em: 16 mai. 2019.

A TERCEIRA lâmina. Intérprete: Zé Ramalho. Compositor: Zé Ramalho. *In*: A TERCEIRA lâmina. Intérprete: Zé Ramalho, Maria Lucia Godoy e Elba Ramalho. [S.I.]: Epic (CBS - Sony Music), 1981. 1 CD, faixa 3.

¹⁰ BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter.

Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 198.

¹¹ *Idem*. p. 205.

¹² *Idem*. p. 200.

esta monografia. São relatos pessoais, memórias soltas de alguns moradores (inclui-se a entrevistadora) e ex-moradores de Recanto Verde Sol e Jardim Alto Alegre. Uma forma simples de instigar interesse de outros pesquisadores para voltar seus trabalhos a esses locais mais distantes, mas existentes e necessários - e necessitados - desta dita capital econômica do país.

Esse texto é também para aqueles que se interessam sem qualquer ambição acadêmica, seja por mera curiosidade, ou por pertencimento. E é por isso que tenho tentado fugir um pouco das normas e modelos, sem deixar de lado a historiografia.

Quanto maior a naturalidade com o que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de reconta-la um dia.¹³

Em uma entrevista, João Cabral de Melo Neto comentou que pretendia, com sua poesia, definir e “dar a ver” as coisas: “diria que seria definir as coisas. Gostaria de meus poemas, em vez de pregar... quer dizer, de serem pregação, de recomendar, de dar conselho, de qualquer coisa, compreende, que eles apenas dessem a ver”.¹⁴

Do mesmo modo, a presente monografia propõe o seguinte: tendo a História Oral como ponto de partida, e considerando as visões de Walter Benjamin e Alessandro Portelli sobre narrativa e registro oral de experiências de vida, este trabalho é uma tentativa de “dar a ver” histórias de moradores de pequenos bairros da Zona Leste da cidade de São Paulo, de modo que seja um trabalho em conjunto, onde historiadora e entrevistados - neste caso a historiadora também é fonte, por ser residente de um desses bairros há mais de vinte anos - iniciam a costura de uma colcha de retalhos, o montar de um quebra-cabeças, iniciativa a ser continuada em futuros trabalhos.

Para que seja um trabalho em equipe, há a tentativa e o cuidado de equilibrar o espaço de fala de cada um, o que explica as diversas citações diretas, que pouco a pouco serão comentadas com mais fontes que corroboram ou divergem das memórias apresentadas, e

¹³ Idem. p. 204.

¹⁴ JOÃO Cabral de Melo Neto por João Cabral de Melo Neto. Entrevista de Araken Távora. Rio de Janeiro: TVE-RJ, 1977. Publicado pelo canal Letrasinverso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GO_E62IBaEs>. Acesso em 24 jan. 2021.

referências que fazem alusão ao tema abordado. É o trabalho conjunto da oralidade do entrevistado com a escrita da História Oral praticada pela historiadora, algo sugerido por Portelli:

a história oral se inicia na oralidade do narrador, mas é encaminhada (e concluída) em direção ao texto escrito do historiador. [...] a tarefa do historiador “oral” é escrever de tal modo que os leitores constantemente relembrem as origens orais do texto que estão lendo. Por fim, podemos definir a história oral como o gênero de discurso no qual a palavra oral e a escrita se desenvolvem conjuntamente, de forma a cada uma falar para a outra sobre o passado.¹⁵

É possível, ainda, afirmar que o texto se divide entre pesquisa e narrativa, uma “conexão entre biografia e história, entre experiência individual e transformações da sociedade”.¹⁶

¹⁵PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, 22. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10728>>. Acesso em 26 jul. 2019. p. 13.

¹⁶ Idem. p. 14

TELL ME, BABY, WHAT'S YOUR STORY?: ANÁLISE DAS FONTES

*They come from every state to find
Some dreams are meant to be declined
Tell the man what did you have in mind
What have you come to do¹⁷*

Red Hot Chili Peppers

Para compreender o recorte desses bairros, foram analisados dados da subprefeitura, disponíveis online, sobre os distritos que a compõem. A partir daí, breves perguntas foram feitas a moradores próximos - em localidade e parentesco -, buscando datas de acontecimentos, pessoas conectadas diretamente com os entrevistados, responsáveis pela apresentação entre local e, na época, futuro morador.

Vários nomes foram apontados: parentes que fizeram a ponte entre Paraíba - São Paulo (ou Minas Gerais - São Paulo), amigos feitos na capital que indicaram os terrenos a baixo custo, moradores antigos de ruas próximas, totalizando no mínimo mais cinco pessoas, ainda moradoras do mesmo local, ou, se em outro endereço, com possibilidade de contato para futuras entrevistas.

Seguindo exemplos de Alessandro Portelli em suas reflexões,¹⁸ as entrevistas seguiram em modo de conversa, com autorização para gravação e breve justificativa para o trabalho, evitando assim constrangimentos, silêncios ou repressão de assuntos tratados.

As perguntas foram simples e amplas, sendo adaptadas às respostas que eram recebidas, e buscavam compreender o processo de migração como um todo: antes e depois, já que a motivação da viagem importa tanto quanto como ela se deu, e o que ocorreu após a constituição de uma nova vida na capital paulista. Para todos, migrantes e não migrantes,

¹⁷ “Me diga, querida, qual é a sua história?”. “Eles vêm de todos os estados para encontrar / Alguns sonhos são feitos para serem recusados / Diga ao homem o que você tinha em mente / O que você veio fazer”. TELL me baby. Intérpretes e compositores: Michael Peter “Flea” Balzary, Chad Smith, John Frusciante, Anthony Kiedis: Red Hot Chili Peppers. *In*: STADIUM Arcadium. Los Angeles: Warner Music, 2006. 2 CDs, faixa 16.

¹⁸ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S.l.], v. 15, set. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11215/8223>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

foram feitas perguntas sobre as características do bairro ao longo do tempo, e atividades cotidianas ou lembranças caras e relevantes que quisessem comentar.

Tornei, tornaram-me sobre-vivente¹⁹: do barro se fez bairro

*For what is a man, what has he got?
If not himself, then he has naught
To say the things he truly feels
And not the words of one who kneels
The record shows I took the blows
And did it my way²⁰*

Paul Anka

A primeira palavra, ou a mais reproduzida entre os moradores, ao serem perguntados sobre como era o bairro quando chegaram para morar, é “barro”. Isso também aconteceu nos registros orais do documentário *Laranjeiras e o seu movimento na história*²¹, idealizado por Anderson Grima e Daniela Lima para a Jornada do Patrimônio da cidade de São Paulo de 2020.

Entrevistadas para esse trabalho, e fonte de inspiração para o tema, as irmãs Maria Zila e Maria Dijanira, nascidas no interior da Paraíba, migraram para o bairro em 1997 e 2001. Zila veio depois que vários de seus filhos constituíram morada na cidade e na rua São Pedro, no Recanto Verde Sol. Dijanira passou temporadas nas casas dos filhos e depois morando sozinha a partir do momento em que ficou viúva, em 1999, e quando perdeu o filho Luiz Cezar, em 2001. Ambas se mudaram no ano de 2020 para Águas de São Pedro - SP e Campina Grande - PB. Ao serem perguntadas sobre a paisagem do bairro quando chegaram, disseram:

¹⁹ O SOBREVIVENTE. Adaptação de Declaração em juízo. Compositor: Carlos Drummond de Andrade. Intérprete: Zé Ramalho da Paraíba. In: ZÉ Ramalho da Paraíba. Intérprete: Zé Ramalho. [S.I.]: Discoberta, 2008. 1 CD, faixa 15.

²⁰ “Pois o que é um homem, o que ele tem? / Se não ele mesmo, então não tem nada / Para dizer as coisas que ele realmente sente / E não as palavras de alguém que se ajoelha / As lembranças mostram, eu levei os golpes / E fiz isso do meu jeito”

MY WAY. Compositor: Paul Anka. Intérprete: Frank Sinatra. In: MY way. Intérprete: Frank Sinatra. Los Angeles: Reprise, 1968. 1 CD, faixa 6.

²¹ LARANJEIRAS e o seu movimento na história. Idealização: Anderson Grima e Daniela Lima. Captação e edição de vídeo: Vinicius Cõlla. São Paulo: Arteiros Produções, 2020. 1 vídeo (91 min). Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=6fsRcKICSEc&ab_channel=ArteirosProduções> Acesso em 20 jan. 2021.

Zila: Era muito feio, fia... Essa [rua] daqui de barro, tudinho era de barro.

Dijanira: Disse que aí na tua rua era um lameiro mais triste da vida. Só barro, só barro. Só subia caminhão pra vir trazer água aqui.

Zila: Subia caminhão aqui para trazer material pra fazer casa. [...] Nem tinha água aqui, nem tinha luz, tinha luz mas era clandestino, lá de baixo, clandestino.

Dijanira: Na rua de Napoleão. E aqui só tinha os postes, mas num tinha energia.

Heronita, Agente Comunitária de Saúde da UBS-Recanto e ex-nora de Dijanira, também comentou sobre saneamento básico, questão recorrente nas respostas. Isto indica o impacto da falta de cuidado do poder público com essa região, e a demora para implementação de itens básicos, como coleta de esgoto, fiação elétrica.

O bairro era bem precário, sem asfalto... Bem difícil de acesso, as pessoas que vinham me visitar, eram duas... Teve uma vez que dona Terezinha, uma amiga minha, veio, era uma pessoa segurando de um lado, e outra do outro, por conta do... escorregadio. De chuva.

Por muitos anos houve iniciativa dos moradores com abaixo-assinados dirigidos à Subprefeitura de São Mateus com pedido de regulamentação da rede elétrica, que até o ano de 2015 trazia problemas a moradores de várias ruas, como a das Oliveiras. Por ser clandestina, a fiação feita por “gatos”, além de dar prejuízo nos verões tempestuosos, com queima de aparelhos eletroeletrônicos, causava queda de energia e proporcionava risco de morte aos moradores eletricitas que se voluntariaram para remendar o emaranhado de fios nos postes de rua.

Dona Terezinha Ponciano nasceu em Feira de Santana, na Bahia, em 1941. Ao ficar viúva, veio com os filhos para São Paulo no ano de 1986, e morou brevemente de aluguel no Jardim Maringá, que para ela era “um bairro muito fraco”. Quando perguntada sobre como conheceu a Terceira Divisão, disse que foi a partir do genro:

Meu genro, Antonio, que comprou um terreno aí, que ainda hoje tá aí né, aí ele foi e falou pra meu filho que estava vendendo os terrenos aí, parcelado. Aí meu filho veio com ele e comprou esse terreno, a Dona Zezinha, né. Aí fizemos uma casinha de dois cômodos e um banheiro.

“Dona do lar”, Dona Terezinha tinha uma barraquinha de pastel na Rua São Pedro, esquina da antiga casa, onde também tinha uma bomboniere em que vendia balas, pirulitos e salgadinhos para as crianças da região. Sua casa ficava na Travessa Indiana, uma das

travessas da Rua São Pedro, no Recanto Verde Sol. Ela participou na criação e nomeação da Travessa, em meados de 1980, feito do qual se orgulha e comenta com carinho:

fizemos uma casinha, aí na Travessa Indiana. Aí quem, ‘como é que bota o nome da travessa? Como é que faz?’ Aí ‘nós vamos botar coisa de índio’, aí nós botamos *Travessa Indiana*. Ela foi criada por nós. Eu e as meninas de Dirce. Né. [...] e nós fizemos aquela rua lá, né, nós botemos nome, e hoje ela tem até, já tem CEP, tem tudo né. Ela hoje é uma rua conhecida.

Também comentou da situação do bairro quando chegou. Disse que era “um lugar muito ruim, nós tomava banho e esquentava água porque não tinha luz, a gente sofreu muito sem luz né, mas aí depois foi arrumando, foi arrumando, mas nós sofreu muito, sofreu muito mesmo.” Hoje Dona Terezinha mora em Mogi das Cruzes, mas tem as filhas Vaneide, Vanusa e Maria José - esposa de Antônio - morando ainda no bairro, e aprecia o que construiu nele.

graças a Deus todos os meus filhos casou e todo mundo tem suas casas onde morar. Mas a Terceira Divisão foi um lugar muito bom que eu morei, todo mundo me respeitava e respeitava minhas filhas, eu não tenho o que dizer da Terceira né.

Guilherme nasceu e cresceu no bairro, em rua paralela à de Dona Terezinha, conhecida como “Escadão”. Por ser muito íngreme, só foi possível pavimentar a Rua Gonçalves de Lima a partir de uma grande escada de concreto, o que impede que as casas tenham garagem. Mas nem sempre houve a escada:

Eu lembro muito do bairro sendo com muito barro na real. Tipo, eu lembro de aqui na frente da minha casa, pra casa da minha vizinha da esquerda, tinha um barranco imenso, onde eu e minhas primas, a gente sempre descia escorregando e era muito engraçado porque eu acompanhei todo o crescimento da minha rua mesmo. Aqui é uma rua muito íngreme, e virou uma escada, e isso demorou muito. Eu lembro que, às vezes, pra eu ir pro pré [escolar] eu ia com duas, a gente levava duas roupas, eu ia com uma roupa porque ia sujar no caminho, e lá na escola eu trocava de roupa. E é isso, antes a rua inteira era um caminho assim, no meio do mato, com muito barro, todo mundo tinha muito medo de chuva, porque nenhuma casa tem uma estrutura muito boa o suficiente pra não cair ou algo do tipo.

Bárbara mora no bairro ao lado, Jardim Alto Alegre. Cronologica e espacialmente ele veio depois de Jardim Laranjeiras, portanto, começou a crescer antes do Recanto. Hoje aposentada, Bárbara, que mora na parte alta de um dos morros, se lembra que “tinha que levar dois sapatos. Um no pé e um pra pôr lá embaixo...”. Ela veio para o bairro em 1982, e nasceu

e cresceu próximo ao Metrô Santa Cruz, tendo se mudado porque passou a morar junto do marido, Darcy.

Em sua entrevista deu mais detalhes sobre como se dava o processo de obter água quando não havia ainda envolvimento da prefeitura em relação a saneamento. Assim como no vizinho Laranjeiras, eles se valiam de poços artesanais:

A água veio pra cá em 85, 86.... Deve ser mais ou menos pra 87, 88. Mais ou menos isso. A gente ia também pegar água na bica. Ali em baixo, atrás da mata ali, tem uma bica d'água. Muita gente ia lavar roupa lá, quem não tinha água de poço. Ai muita gente ia lavar roupa lá, pegar água. E aqui a gente deu muita água também pro pessoal né, que às vezes não tinha. Eu também fiquei sem poço, desbarrancou e a vizinha dava água pra mim, até fazer outro. Mas aí quando fiz o outro aí veio a água da rua. Aí tive que enterrar né, meu marido aterrou.

A fala mostra a solidariedade entre moradores, que tinham que se virar com o que podiam. Tanto foi difícil conseguir melhorar cada problema que, no caso da água, Bárbara contou um evento no mínimo curioso, que mostra como, mesmo pedindo aos órgãos públicos aquilo que é direito fundamental do cidadão, a população ainda não era ouvida:

Ah, depois de muito tempo começou a faltar água. Não subia água, principalmente pra rua 7 né? Não subia água. Aí pegaram um rapaz que veio medir a água, levaram lá pra rua 7 e ficaram com ele lá até 1 hora da manhã, até que subiu água pra todo mundo né, mas cuidaram dele, não maltrataram ele né. Aí depois não começou mais faltar água, era uma vez ou outra, mas melhorou.[...] Mas depois eles fizeram uma bomba no meio da rua 7 né, pra subir a água.

Rua 7 é provavelmente o nome de origem da atual Rua do Ensino, mais alta ladeira do Jardim Alto Alegre, que termina no “Km 28”, região onde passa o trecho final da Avenida Sapopemba, próximo dos bairros Recanto Alegre e Jardim Nova Vitória, não abordados nessa pesquisa.

Evellin é uma entrevistada que fez o caminho inverso: nasceu em São Paulo e migrou para a Paraíba, onde se matriculou no curso de Pedagogia na UFPB e decidiu fazer morada na cidade natal da mãe. Ela, que morou no Recanto Verde Sol entre 2000 e 2016, contribuiu com informações relevantes sobre a configuração estrutural do bairro, suas mudanças e permanências ao longo do tempo em que morou na região, onde passou a infância e a adolescência.

Fisicamente, o que mudou foi que ocorreram novas invasões né, no caso, que a maioria das casas são de invasões, e mudou um pouco a paisagem de outras áreas, que antes eram verdes, e se tornaram ruas. [...] Na minha rua, por exemplo, assim, as casas vão aumentando, eu não sei, é... acho que, com o passar dos anos, as famílias têm mais condições e acabam reformando a casa, aumentando, etc., inclusive a minha.

Sobre as “invasões” citadas pela entrevistada, trata-se de ocupações que vêm ocorrendo na última década, em chácaras de propriedade (espólio) de Margarida Marchetti Fernandez e José Roberto Reynoso Fernandez, e o Pinheirinho 2, este de famosa ocorrência de intervenção policial em maio de 2013, para cumprir mandado de reintegração de posse do terreno - pertencente na época a Heráclides Bataglia de Camargo Filho²² -, que não foi concluído.²³

Evellin refletiu em sua entrevista sobre o comércio e transporte público, como era vista a questão de segurança e também sua percepção sobre migrantes e o tratamento dado a eles na cidade de São Paulo.

Quando eu era criança, eu sei que não tinha muitas lojas. Geralmente a gente tinha que deslocar para um outro bairro, e fazer, tipo, comprar roupa, fazer as compras do mês, da casa, de comida, né. Hoje em dia tem loja de roupa, aos arredores, tem loja de R\$1,99, essas coisas. Supermercado, que é muito bom, inclusive. Então eu acho que essa é uma das principais mudanças que eu vejo, e também [...] linhas de ônibus, também, que antigamente tinham duas, que é Carrão, e Jardim Limoeiro, que ainda tem, que vai pelo Jardim Limoeiro, mais essa nova linha que vai no Recanto mesmo, é uma inovação né. Até porque eles já vêm muito lotados, então imagina se não tivesse. Eu acho que por ter acrescentado uma linha, acho que isso define também que vieram morar mais pessoas.

²² POLÍCIA suspende ação de reintegração de posse em terreno na zona leste de SP. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/03/26/policia-suspende-acao-de-reintegracao-de-posse-em-terreno-na-zona-leste-de-sp.htm>>. Acesso em 25 out. 2019.

²³ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/album/2013/03/26/moradores-protestam-na-desocupacao-no-pinheirinho-2-em-sao-paulo.htm?foto=8>>. Acesso em: 25 out. 2019.

Como e corro, trafego na rua²⁴: transporte

De fato, o bairro cresceu e foi tomando forma nas últimas duas décadas. No início da década de 2000, havia menos linhas de ônibus para comportar os moradores dos arredores da Avenida Bento Guelfi. Boa parte do transporte se dava por meio de “peruas clandestinas”, kombis brancas que cobravam cerca de 2 reais a passagem até certo ponto, onde paravam mais linhas de ônibus regulamentadas. Ao ser perguntada, Bárbara lembrou das primeiras linhas de ônibus que se lembra de haver na região:

Eram clandestinas né, as peruas clandestinas. Aquilo ali era terrível. Era uma máfia danada. Ali era uma brigaiada, pessoas mortas por causa disso dali. Principalmente ali no Iguatemi. Aqui nem tanto porque a maioria dos perueiros que tinham essas peruas eram pessoas do bairro mesmo né, mas era mais pro Iguatemi, ali, Tiradentes, né. Então, já viu, né.[...] então, esse ônibus que era o Terceira Divisão que ia até o Pq. D. Pedro só tinha ele. Aí depois a Ir. Dirce²⁵, que vinha o São Caetano até o Iguatemi, né, aí a Ir. Dirce foi, fez um abaixo-assinado tudo pro ônibus vir até aqui na Terceira. Aí a gente tinha o Divisa de São Caetano que ia até São Mateus né. Aí depois é que foi surgindo o Terminal né São Mateus. Foi surgindo o Terminal São Mateus aí começou. Mas mesmo assim é uma burocracia né, até hoje, porque as peruas lotadas...

Em pesquisa online, foi possível encontrar um blog, administrado por Antonio George da Cruz Filho, que, aparentemente, se baseou em antigos guias da cidade de São Paulo - como o Mapograf - e listou todas as antigas linhas de ônibus que funcionavam na capital. É possível que a linha citada por Bárbara nesse trecho da entrevista seja o 3348 - Terceira Divisão - Parque Dom Pedro II; o ano do volume do guia apresentado pelo blogueiro condiz com o ano de mudança da entrevistada para a região²⁶.

Foram encontradas no Guia Cartoplam com data imprecisa entre final da década de 1980 e 1991²⁷ as linhas

²⁴ JARDIM das acácias. Compositor e intérprete: Zé Ramalho da Paraíba. *In*: ZÉ Ramalho da Paraíba. Intérprete: Zé Ramalho. [S.l.]: Discoberta, 2008. 1 CD, faixa 16.

²⁵ Personagem ativa no crescimento da comunidade, Irmã Dirce faz parte da história da paróquia da região. É citada no histórico da Paróquia Santíssima Trindade. Disponível em: <<https://www.santissimatrindadesp.com.br/institucional/historia>>. Acesso em 23 jan. 2021.

²⁶ CRUZ FILHO, Antonio George da. Algumas Linhas de 1982, Segundo O Guia Mapograf. **Empresas de Ônibus antigas**. São Paulo: 04 mai. 2017. Disponível em: <<http://empresasdeonibusantigas.blogspot.com/2017/05/algumas-linhas-de-1982-segundo-o-guia.html>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

²⁷ O exemplar, de posse da autora, não possui capa, mas é possível deduzir a década por algumas pistas: a já existente estação Itaquera do metrô (inaugurada em 1988), os quase 9.500.000 de habitantes da cidade na época (em 1991 passava de 9.600.000) e os números de telefone de 7 dígitos (existentes até o início da década de

- 3042-10 - 3ª Divisão - Divisa de São Caetano;
- 3070-10 - Jd. Limoeiro - Terminal São Mateus (atual 4011-10)²⁸,
- 3761-10 - 3ª Divisão - Metrô Carrão (não modificada).

No Mapograf do ano 2000 já é inexistente a 3042-10, e é listada a 3069-10 - Terceira Divisão - Terminal São Mateus (hoje Recanto Verde Sol - Terminal São Mateus, com mesmo número).

Essa mudança de *Terceira Divisão* para *Recanto Verde Sol* indica o crescimento do bairro do Recanto, tomando posse do que antes era conhecido como Terceira. Aos poucos, o bairro Recanto Verde Sol foi sendo estruturado, recebendo duas linhas de micro-ônibus próprias²⁹, tendo seu CEP reformulado e ruas cadastradas pela AES Eletropaulo – hoje Enel -, com renumeração das casas. No caso do CEP, muitas ruas que eram definidas como bairro “Terceira Divisão”, passaram a ser pertencentes ao "Recanto Verde Sol”.

2000). Devido à quarentena resultante da pandemia de COVID-19, o acesso a materiais como esse em bibliotecas públicas ficou inviável. Vale a pena consultar tais guias em pesquisas como essa, caso haja interesse em montar uma linha do tempo de linhas e empresas de ônibus municipais.

²⁸ A linha foi atualizada no ano de 2013, na gestão do Prefeito Fernando Haddad, conforme notícia do Via Trolebus: SPTrans promove mudanças em linhas da zona leste. Disponível em <<https://viatrolebus.com.br/2013/10/sptrans-promove-mudancas-em-linhas-da-zona-leste/>>. Acesso em 18 jan. 2021.

²⁹ As linhas referidas são 3739-10 – Recanto Verde Sol-Metrô Itaquera e 3069-10 – Recanto Verde Sol-Terminal São Mateus, regiões importantes de baldeação com a Linha 3 Vermelha do Metrô, Linha 11 Coral da CPTM, no caso de Itaquera, e Terminal EMTU que liga São Paulo ao ABC, e a nova Linha 15 Prata do Monotrilho, no caso de São Mateus.

Criança não trabalha³⁰: escola, esporte, brincadeiras

Art. 3º. A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. Art. 4º. É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.³¹

Estatuto da Criança e do Adolescente

Filha de Bárbara, Adriana nasceu e cresceu no Jardim Alto Alegre, em 1985. Ela, que hoje é formada em Pedagogia e Educação Física e pós graduada em Educação Especial e Inclusiva, está cursando pós graduação em Neuropsicopedagogia. A escolha profissional é decorrente das experiências de infância e juventude no bairro, e reflete no que escolheu dar ênfase em sua entrevista: brincadeiras, jogos, esportes e dança. A própria paisagem do bairro fazia parte da brincadeira:

mudou muito, né... é que onde era mata nativa, hoje tem casas. Então assim, na minha época, era muita, muitos lugares floridos, vamos dizer assim, muitas árvores, muito lugar pra se olhar. Aqui mesmo na rua tinha lugares onde não tinha casas ainda, onde a gente gostava muito de brincar, que era um local que tinha uma bananeira e era um morro que a gente descia ali rolando o tempo inteiro, se balançava na árvore e caía ali, pra sair rolando. Ou, senão, descia com papelão, essas coisas assim. A gente brincava bastante, e também a gente brincava muito na rua.

³⁰ CRIANÇA não trabalha. Intérprete: Palavra Cantada. Compositores: Arnaldo Antunes e Paulo Tatit. In: CANÇÕES curiosas. Diversos intérpretes. [S.I.]: Selo Palavra Cantada/MCD World Music, 2004. 1 CD. Faixa 3.

³¹ BRASIL. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em 20 jan. 2021.

Como plano de fundo das especificações dos jogos, apareceram características do bairro em formação, como os campinhos de futebol e os caminhões pipa, que denunciam períodos de falta d'água nas casas do Jardim Alto Alegre.

A gente brincava bastante, empinava pipa, subia na laje, e também tinha época que a gente se divertia muito, que era uma coisa, vamos dizer, que era triste pros nossos pais, mas nós crianças adorávamos: é quando [...] vinha o caminhão pipa encher as caixas d'água, porque subia todo mundo em cima da laje pra ver eles enchendo as caixas.

Numa época sem *smartphones*, e onde os *videogames* ainda eram novidade, Adriana, os irmãos e as crianças do bairro passavam o tempo brincando com o que tinham e podiam fazer, e aproveitavam as brincadeiras tradicionais e jogos de cartas e tabuleiro. São práticas ainda presentes na atualidade, mas que a cada dia vão perdendo mais espaço para novas tecnologias e jogos *online*. Narrativas como a de Adriana, portanto, possuem peso histórico e até mesmo museológico, onde são feitos diversos estudos sobre história das brincadeiras, um patrimônio imaterial.

A gente jogava bolinha de gude, jogava pião, empinava pipa juntos... Ah, e a rouba-bandeira que a gente brincava muito. Duro ou mole, também. [...] duro ou mole americano, pega-pega, que, né, tradicional, e esconde-esconde a gente gostava de fazer à noite, e outra coisa também que a gente gostava muito de mamonas, vocês conhecem aquelas mamonas? Ali na entrada do campo tinha um monte de pé de mamona, a gente entrava lá pra pegar as mamonas pra ficar tacando no outro. [...] Então tinha muito isso, carrinho de rolimã, que era o grupo todo né, já tinha comentado, que era todo mundo junto. Então descia naquele carrinho de rolimã enorme, quatro, cinco pessoas, de uma vez só, que fazia aqueles carrinhos grandes mesmo, era mais assim, e brincar mesmo de equipe, tipo, com jogos mesmo: vôlei, queima, futebol, eu acho que era mais isso mesmo, aí a noite contando as histórias, a gente sentava tudo na frente aqui do portão, e ficava junto, aí brincava muito de passa anel, também elefante colorido também, que a gente gostava muito de brincar, nossa, tem tantas brincadeiras, que agora não vou lembrar de todas.

Essa sabedoria das brincadeiras contribuiu em aulas que Adriana teve anos depois, na universidade, pois “tinha a professora da parte da educação infantil, das brincadeiras, aí voltou a fazer tudo isso, mas tudo que eu já sabia fazer né”.

As brincadeiras não eram só coisa de criança. Os jogos de tabuleiro e quebras-cabeça também fazem parte do cotidiano familiar, transformados numa tradição, e estiveram presentes também nos momentos de intervalo e aulas vagas na escola, ou outros locais do bairro:

e uma coisa que a gente usava muito em casa e na casa das minhas tias, são os jogos de tabuleiro. Era de lei, né, a gente jogar ludo. Todo mundo juntos. Aí ficava fila, porque daí começava dois, quatro, daí um perdia, daí botava outro no lugar, então a gente jogava muito ludo, ludo a gente sempre jogava juntos. Tinha a família, e o dominó né? Que é um clássico. Dominó até hoje, quando senta todo mundo na mesa, tem que jogar dominó. Então isso também continua, isso a gente aprendeu quando criança, jogar vinte-e-um também, com baralho jogava pife e vinte-e-um. Depois a gente aprendeu a jogar truco também, com o pessoal, quando a gente era época mais de escola, teve uma época que a gente jogava, ficou super viciado, porque a gente jogava na escola, a gente jogava no CCA³², a gente jogava na barraquinha da Katia, comendo pastel e jogando truco.

Além disso, é perceptível nessa narrativa a importância da escola e dos esportes na formação das crianças da época, hoje muitas delas professores e funcionários da escola em que estudaram.

Jogava handebol na rua também, quando eu comecei a jogar. Tudo o que as meninas aprendiam, elas aprendiam no treino, elas chegavam aqui e elas ensinavam pra gente que era mais nova. Na rua, pra gente aprender pra fazer também. [...] O pessoal que estudou comigo tá trabalhando na escola. É mó barato, isso. Você encontrar todo mundo, professores, alunos, pessoal trabalhando lá.

Ainda sobre esportes, é importante lembrar de duas ocasiões onde a região expôs moradores a nível inclusive internacional: as alunas da Escola Estadual Recanto Verde Sol que, com treinador Prof. Rodrigo Mussini, competiram no Campeonato Mundial de Basquete da NBA Junior, representando a América do Sul nos anos 2018³³ e 2019³⁴, conquistando o Bicampeonato.

Depois, a jogadora de futebol feminino Glaucia Suelen Silva Cristiano, que já jogou na Coreia do Sul, e nos brasileiros Santos Futebol Clube e São Paulo Futebol Clube, estando neste último clube desde o ano de 2020. Gláucia estudou³⁵ com dois dos entrevistados também na Escola Estadual Carmelinda Marques Pereira.

³² Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) do Jardim Alto Alegre, também conhecido como OZEM, situado na Rua Osmar Lúcio de Alencar.

³³ MIAMI Heat e Denver Nuggets vencem edição brasileira do projeto Jr. NBA League. Disponível em <https://sportv.globo.com/site/nba/noticia/miami-heat-e-denver-nuggets-vencem-edicao-brasileira-do-projeto-jr-nba-league.ghtml>. Acesso em 17 jan. 2021.

³⁴ RECANTO conquista o Bi, e Saint Paul's leva título inédito nas Finais da Jr. NBA League 2019. Disponível em <https://sportv.globo.com/site/nba/noticia/recanto-conquista-o-bi-e-saint-pauls-leva-titulo-inedito-nas-finais-da-jr-nba-league-2019.ghtml>. Acesso em 17 jan. 2021.

³⁵ Sobre o percurso de Glaucia no futebol, a entrevista no GZH Esportes. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2020/02/depressao-obrigou-atacante-do-sao-paulo-a-reaprender-o-futebol-ck6eif0kj04ea01nwg9xxjc1.html>. Acesso em 20 jan. 2021.

Os bairros possuem seus próprios times de futebol. No documentário *Laranjeiras e o seu movimento na História*, os moradores apresentam o clube e o campinho, importante local de lazer para o bairro. Não é diferente no Jardim Alto Alegre. Quando perguntada sobre o tema, Adriana, que mora junto a um campo de futebol - que fica nos fundos de sua casa - comentou sobre como se davam as competições no bairro, na escola, e entre escolas:

tem o Sem Limite, que é o time do meu irmão, que é os times que eram da rua, tem o Elite, que era o time dos meninos da rua lá de baixo. Aí cada bairro tinha um time. Então sempre tinha campeonato. Fazia campeonato ali na quadra da escola. Campeonato de escola também, que não podia faltar, que antigamente tinha muito, das salas de aula, sala contra sala, então tinha bastante. No Carmelinda mesmo. Sempre teve campeonato. De futebol, de handebol, eu lembro que, quando a gente fazia campeonato, enchia de gente pra assistir, era muito legal. [...] o atletismo, que era o forte da escola, depois veio o handebol. Que foi duas gerações antes da minha que começou. Das meninas. E aí depois veio a minha, que veio forte, aí depois teve mais uma que era mais ou menos, e depois foi meio que acabando o handebol na escola.³⁶

Bárbara também frequentou a escola nos primeiros anos em que morou no Jardim Alto Alegre, e lembrou de como era a estrutura de algumas instituições. Seu relato adiciona informações a entrevistas de moradores do Jardim Laranjeiras, no já referido documentário, e foi possível traçar uma linha do tempo de instituições escolares a partir dessas falas e de decretos de criação e renomeação dessas escolas.

Ah, escola também foi um abaixo-assinado pra vir escola pra cá. O Carmelinda né, porque só tinha no Rita. [...] não tinha Ensino Médio. Só até a 8ª. Depois ia lá pro Iguatemi. Aí depois é que começou a nascer a escola do Recanto né? Mas, mesmo assim, era pouco tempo também. Era até só 8º né, não tinha. Depois veio o Haydee Hidalgo, aí o Haydee Hidalgo sim. Estudei lá em foi em 90 e pouco. Acho que foi 98-99 eu estudei lá pra terminar a 7ª e a 8ª e acabei fazendo o colegial. Falei 'já que eu tô aqui, vamo encarar', né? [...] quando eu fui estudar no Limoeiro né, era barracão.

Sobre os “barracões” posso dar meu próprio depoimento. Sendo moradora do Recanto Verde Sol desde o final de agosto de 2000, estudei na E. E. Rita Pinto de Araújo, a mais antiga escola da região. Na terceira série, a turma da professora Kátia, em que eu estava matriculada, estudava num barracão de zinco com piso de tapume. No verão o calor era insuportável e ficávamos sem quadra, pois essas duas salas improvisadas ocupavam o espaço

³⁶ Adriana foi uma das alunas de times femininos de handebol do Carmelinda Marques Pereira, que já participou de torneios da Federação Paulista de Handebol. Alguns dos campeonatos que a escola participou estão disponíveis em: <<https://fphand.com.br/home/torneio-revelacao-de-handebol-2006-colegios/>>. Acesso em 18 jan. 2021.

que deveria ser reservado para esportes e brincadeiras da escola toda. Houve construção de novas salas de alvenaria nos anos seguintes.

Esses improvisos indicam tanto o crescimento populacional dos bairros estudados, como um descompasso entre esse fato e ações da prefeitura e do governo do estado de São Paulo para suprir as necessidades da população.

Fora isso, ainda há um fato lembrado brevemente por mim e por Guilherme, que pode servir de pista para pesquisas nessas escolas. Na década de 2000, não fazíamos a Prova Brasil, por nossa região ser considerada área rural, “que até a gente ficou zoando por ser roça”. Se não nos falha a memória, esse caso deve ter ocorrido no ano de 2007, quando estávamos na 8ª série do Ensino Fundamental. Como os professores foram convocados para aplicar essas provas em “escolas urbanas”, não tivemos aulas nesses dias.

Pesquisando sobre o que isso significa em termos práticos, foi possível encontrar um texto que Gustavo Oliveira sobre o tema em 2011, e já no primeiro parágrafo vê-se o problema:

O Ministério da Educação (MEC) atribui a 4,2 milhões de alunos brasileiros do Ensino Básico (15% do total) um Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) que não reflete, de fato, a qualidade de sua aprendizagem. Eles estudam nas 88 mil escolas rurais do país (45% do total). As turmas de 4ª e 8ª séries desse universo não fazem a Prova Brasil, como ocorre com os colegas das áreas urbanas. O resultado da Prova é o principal componente qualitativo da fórmula de cálculo do Ideb. Por isso, localidades onde o ensino rural é predominante podem estar com o índice inflacionado por notas que consideram apenas a minoria urbana. Essa distorção as tira da lista de municípios prioritários do MEC e as priva dos investimentos e ações emergenciais que vêm sendo realizadas.³⁷

Houve atualizações na implementação da Prova Brasil. Contudo, não faz parte do recorte do trabalho se aprofundar nesse caso, mas “dar a ver” como era a situação no final dos anos 2000.

Como comentado, Rita Pinto de Araújo é a escola mais antiga de toda a região da Avenida Bento Guelfi. Já possuiu ensino multisseriado e foi a única a ser construída no período da ditadura civil-militar. Em busca de ano de fundação das escolas citadas nas

³⁷ PROVA Brasil na zona rural: imprescindível. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2773/prova-brasil-na-zona-rural-imprescindivel>>. Acesso em 18 jan. 2021.

entrevistas, foram encontrados decretos de criação e renomeação de todas as escolas estaduais, listadas abaixo por ordem cronológica:

- 1976, fev. - É criada, no Distrito de Itaquera, a **Escola Estadual de 1.º Grau da Adutora Rio Claro**, sob o mandato do Governador Paulo Egydio Martins.³⁸
- 1977, out. - A EEPG da Adutora do Rio Claro passa a denominar-se **EEPG “Profª Rita Pinto de Araujo”**, sob o mandato do Governador Paulo Egydio Martins.³⁹
- 1988, jan. - É criada, na 11.ª Delegacia de Ensino, no Distrito de Guaianazes, a **EEPG Jardim Alto Alegre**, sob o mandato do Governador Orestes Quércia.⁴⁰
- 1990, mar. - Dá denominação de "**Profª Carmelinda Marques Pereira**" à EEPG Jardim Alto Alegre, no Distrito de Guaianazes, na Capital, sob o mandato do Governador Orestes Quércia.⁴¹
- 1995, jul. - É criada a **EEPG Jardim Limoeiro**, no Subdistrito de Guaianazes, sob o mandato do Governador Mário Covas.⁴²
- 1997, mai. - Passa a denominar-se "**Profª Haydée Hidalgo**" a Escola Estadual de 1.º Grau Jardim Limoeiro, sob mandato do Governador Mário Covas.⁴³

³⁸ SÃO PAULO. DECRETO N. 7.517, DE 3 FEVEREIRO DE 1976. Cria unidades escolares que especifica. São Paulo, SP: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1976/decreto-7517-03.02.1976.html>>. Acesso em 18 jan. 2021.

³⁹ SÃO PAULO. DECRETO N. 10.624, DE 20 DE OUTUBRO DE 1977. Dá denominação a Estabelecimento de Ensino. São Paulo, SP: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1977/decreto-10624-26.10.1977.html>>. Acesso em 18 jan. 2021.

⁴⁰ SÃO PAULO. DECRETO N. 28.080, DE 7 DE JANEIRO DE 1988. Dispõe sobre criação de unidades escolares. São Paulo, SP: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1988/decreto-28080-07.01.1988.html>>. Acesso em 18 jan. 2021.

⁴¹ SÃO PAULO. LEI Nº 6.767, DE 28 DE MARÇO DE 1990. Dá denominação de "Profª Carmelinda Marques Pereira" à EEPG Jardim Alto Alegre, no Distrito de Guaianazes, na Capital. São Paulo, SP: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1990/lei-6767-28.03.1990.html>>. Acesso em 18 jan. 2021.

⁴² SÃO PAULO. DECRETO N. 40.211, DE 24 DE JULHO DE 1995. Dispõe sobre a criação de unidade escolar. São Paulo, SP: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1995/decreto-40211-24.07.1995.html>>. Acesso em 18 jan. 2021.

⁴³ SÃO PAULO. LEI Nº 9.565, DE 02 DE MAIO DE 1997. Dá denominação de "Profª Haydée Hidalgo" à EEPG Limoeiro, na Capital. São Paulo, SP: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1997/lei-9565-02.05.1997.html>>. Acesso em 18 jan. 2021.

- 2002, jan. - É criada a **Escola Estadual Jardim Limoeiro III**, Distrito-Iguatemi, sob mandato do Governador Geraldo Alckmin.⁴⁴
- 2005, set. - É criada a **Escola Estadual Recanto Verde Sol** no Distrito do Iguatemi, sob mandato do Vice-Governador Cláudio Lembo em Exercício do cargo de Governador.⁴⁵

Só a partir da redemocratização houve maior atitude do Estado em relação à região. Além dessas escolas, ainda existem as EMEIs e EMEFs municipais, sendo a maior e mais recente delas o CEU Alto Alegre.

A partir dos decretos e leis encontrados, nota-se algumas coisas. Primeiro: hoje Jardim Limoeiro, Jardim Alto Alegre e Recanto Verde Sol fazem parte do Distrito do Iguatemi, mas já fizeram parte dos distritos de Itaquera e Guaianases, quando ainda em formação.

As escolas foram denominadas inicialmente com nome dos bairros ou endereços em que foram construídas, o que pode contribuir para estudos de mapas da região ao longo do tempo. Hoje situada na Avenida Sapopemba, n.º 30.500, a escola Rita Pinto de Araújo recebeu o nome de “Adutora do Rio Claro”, porque assim ainda era denominado o trecho da Sapopemba até pelo menos o ano 2000, segundo consulta a guias da cidade. O restante da Avenida “Adutora do Rio Claro” se conecta com o bairro Jardim Limoeiro. “Jardim Limoeiro” se deve à nascente do rio Limoeiro, próximo à atual E. E. Haydeé Hidalgo e à mais recente E. E. Jd. Limoeiro III.

Ainda estudando mapas e documentos oficiais, foram encontrados outros nomes para a atual Avenida Bento Guelfi: Estrada da Terceira Divisão (origem do nome das linhas de ônibus, e como muitos moradores ainda chamam a região que oficialmente recebeu registro de “Recanto Verde Sol” no cadastro do CEP, atualização de mais ou menos uma década) e Estrada Minas do Rio Verde.

⁴⁴ SÃO PAULO. DECRETO Nº 46.498, DE 16 DE JANEIRO DE 2002. Dispõe sobre a criação de unidades escolares. São Paulo, SP: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2002/decreto-46498-16.01.2002.html>>. Acesso em 18 jan. 2021.

⁴⁵ SÃO PAULO. DECRETO Nº 50.066, DE 29 DE SETEMBRO DE 2005. Dispõe sobre a criação de unidades escolares na Secretaria da Educação e dá providências correlatas. São Paulo, SP: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2005/decreto-50066-29.09.2005.html>>. Acesso em 18 jan. 2021.

Ainda sobre o Limoeiro, no Guia Cartoplam do final da década de 1980 a principal via do Recanto Verde Sol, endereço da escola estadual de mesmo nome, aparece como “Antiga Estrada do Limoeiro”, e no Mapograf do ano 2000, como “Rua Recanto do Sol”, nome atual.

O GeoPortal Memória Paulista possui um mapa fotográfico do ano de 1958⁴⁶ - portanto fora da data-limite desse trabalho, mas, ainda assim, informação visual importante para futuros estudos -, em que é possível analisar foto da década de 1950 e mapa atual. Nessa análise vê-se uma região com pouquíssimos caminhos, mas os existentes são essas vias centrais dos bairros estudados:

A Avenida Sapopemba aparece como “Estrada do Rio Claro” no mapa, e já é traçada em foto. Também são visíveis, em 1958, a Rua Recanto do Sol, Avenida Bento Guelfi, Estrada dos Fidelis, Rua do Carvalho Brasileiro, entre outras.

⁴⁶ GEOPORTAL Memória Paulista. Disponível em <<https://www.geoportal.com.br/memoriapaulista/>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

Migrantes e o choque de cultura

Não ingerem os mesmos alimentos, não se ferem com as armas, não estão sujeitos às mesmas doenças, não se curam com os mesmos remédios, não se aquecem e refrescam com o mesmo verão e o mesmo inverno[...]? Se nos espetardes, não sangramos? Se nos fizerdes cócegas, não rimos? Se nos derdes veneno, não morremos? E se nos ofenderdes, não devemos vingar-nos? Se em tudo o mais somos iguais a vós, teremos de ser iguais também a esse respeito.⁴⁷

William Shakespeare

Sobre sua decisão de migrar para a terra natal dos pais, na Paraíba, Evellin relacionou com o fato de não gostar de morar em São Paulo - uma cidade grande e que necessita de locomoções extensas e cansativas -, com a ligação que sempre teve com os nordestinos, presentes em quantidade considerável em Recanto Verde Sol, um “nordeste em São Paulo”, para ela, curiosamente título da obra de Paulo Fontes. A presença nordestina em comunidade na região em que cresceu, a fez se sentir acolhida e em casa, por ser sua família toda paraibana. O choque com o modo de vida e até mesmo sotaque de pessoas de outras regiões da cidade lhe causou estranhamento e desconforto, questão importante para sua decisão em migrar.

Sobre o motivo de eu me mudar, na realidade é porque eu não gosto de cidade grande. E, assim, o ambiente aqui da Paraíba se tornava muito mais interessante pra mim e isso eu acho que tem muito pouco a ver com o bairro que eu residia, que é o Recanto Verde do Sol. Porque, na realidade, pra mim, é o melhor lugar de São Paulo. Porque na realidade o que eu não gosto em São Paulo é a parte do centro, geralmente as pessoas gostam de morar nas partes assim mais movimentadas. E como essa era uma zona rural, mesmo não tendo tanta cara de zona rural, apesar de ser São Paulo, pra mim era muito tranquila. [...] Eu quis me mudar de São Paulo porque nem tudo tinha no meu bairro, então eu tinha que me locomover pra outros lugares, eu não gostava de morar em São Paulo, tinha muita paixão pelo Nordeste já, então eu decidi e acabei me adaptando melhor. [...] Esse bairro me deixava confortável por ser constituído muito, assim, pelo menos os adultos, na época quando eu era criança, os meus pais e os pais dos meus amigos, de nordestinos. Embora os meus amigos não fossem, eram descendentes que nem eu. [...] Embora acontecesse algum episódio de xenofobia, com uma criança que chegasse do nordeste, etc., que já aconteceu, uma menina, e eles caçoaram do sotaque. Mas, meus pais sempre preservaram o sotaque, e a família do meu pai, morando muito ao redor da gente também tinha muito essa raiz nordestina. E as pessoas, embora não fossem da Paraíba, que eu acho que em grande maioria vieram do Ceará, se eu não me engano, embora não fossem da minha cidade, Solânea,

⁴⁷SHAKESPEARE, William. **O Mercador de Veneza**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007.

que agora eu considero minha cidade, eu me sentia com uma identificação com essas pessoas. Então eu acho que quando eu comecei a ver realmente... Porque era como se fosse um pedaço do nordeste pra mim. Em São Paulo. Quando eu comecei a ir pra áreas grandes de São Paulo eu não me adaptei. Então eu acho que essa identificação foi muito importante nesse bairro, por isso que é o lugar que eu mais gosto em São Paulo. E, assim, eu acho que foi mais por conta de que eu gosto muito daqui, que eu vim, prefiro do que São Paulo em geral, do que o bairro e etc., mas [...] tem muito isso de eu me sentir identificada com pessoas que vieram da mesma região do país, porque a gente vê muito preconceito, muito estereótipo quando as pessoas não têm noção de como é o Nordeste.⁴⁸ [...] Então uma das coisas mais importantes que eu acho nesse bairro é essa base regional do Nordeste, das pessoas que moram aí, que foram pra tentar conseguir emprego em São Paulo.

A entrevistada Heronita, mãe de Evellin, também comentou casos de preconceito e xenofobia em São Paulo, mas atribuiu essas práticas também aos nordestinos, dando a entender que muitos rejeitam o próprio sotaque para se adequar ao novo espaço.

Não falo bem de preconceito só de São Paulo, porque o maior preconceituoso é o próprio nordestino. Porque ele não entende que aquele que chegou, que está há 27 anos, não tem, não é obrigado a falar daqueles que passam seis meses, um ano, três anos, quatro anos. Eu, faz 28 anos, 29, sei lá. Falo normal, como se tivesse saído do meu Nordeste querido ontem. Eu não acho necessidade de mudar o meu sotaque, num acho em momento algum, porque a partir do momento que você muda algo assim, dessa forma, não é mais você, você está vivendo uma outra vida, uma outra pessoa... Eu apenas sou acolhida por São Paulo, mas paulista, paulista, jamais.

A questão do preconceito, importante salientar, foi imposta pelas duas entrevistadas, em espaços para fala soltos, sugeridos para que falassem algo que não tivesse sido perguntado, mas que consideravam importante dizer.

Não foi perguntado, mas eu acho muito importante, é... São Paulo me acolheu muito bem, mas ainda tem o seu lado preconceituoso de alguns... De algumas pessoas, até mesmo dos próprios nordestinos. Por, por preconceito né. Que todos nós temos, mas eu passei por várias dificuldades, e com o passar do tempo eu percebi foi preconceito sim, com o tempo foi difícil, mas com o tempo estou sabendo lidar com a situação. Sempre vai haver, sempre haverá. Nordestino, povo feliz, povo trabalhador, mas um pouco injustiçado, não só pelos paulistas, mas os próprios nordestinos.

⁴⁸ Entre diversas situações em que a região Nordeste é vista a partir de estereótipos, é possível listar a mais recente - até o fechamento deste texto -, que foi a capa da Revista Veja São Paulo em homenagem aos 467 anos da cidade. Utilizando seis empresários nordestinos como modelos de capa, o título da revista sugeriu que São Paulo é "A capital do Nordeste". A capa causou polêmica entre nordestinos e não-nordestinos, dado o histórico de exploração de mão-de-obra de trabalhadores da região Nordeste pela indústria e empresas da capital paulista. Além disso, o *design* de capa se utilizou de estereótipo cenográfico, como imagem saturada e cactos como elementos simbólicos, em referência a plantas abundantes na caatinga - que não é o único bioma existente no Nordeste. Contas oficiais em redes sociais de órgãos públicos que representam as nove *realis* capitais do Nordeste se pronunciaram com sátiras e memes. Disponível em: <<https://diarionordeste.verdesmares.com.br/ultima-hora/tecnologia/nordeste-vira-assunto-mais-comentado-no-twitter-apos-capa-de-revista-por-aniversario-de-sp-entenda-1.3037070>>. Acesso em 24 jan. 2021.

Para Guilherme as questões cultural e racial também não passaram despercebidas. Assim como Evellin, é filho de pais nordestinos (seus pais vieram do Rio Grande do Norte, enquanto os dela vieram da Paraíba, estados vizinhos), e ambos cresceram rodeados por gente de história parecida no que diz respeito a migração; portanto, ao saírem desse núcleo familiar e de amigos em direção às regiões centrais da cidade em busca de oportunidades de estudo e lazer não oferecidos no bairro, sentiram um grande choque cultural, que passa por sotaque e culinária até chegar a questões raciais e de classe.

Ao ser perguntado sobre como é ser filho de migrantes em São Paulo, e ex-morador de bairro periférico, Guilherme, que atualmente mora no bairro do Bom Retiro, respondeu:

é uma coisa estranha e bizarra que eu só fui entender durante a faculdade, porque sempre falava que “ah, vou pra minha mãe”, que falava que era longe, e entendia que eles estavam num bairro mais afastado por serem nordestinos, por serem pobres, por serem de outra classe... E aí é que eu fui entendendo que a minha família “não estava em São Paulo” e que ela não era daqui. Mas, não sei, eu acho que foi nesse momento, talvez, que eu fui entendendo o que era realmente o nordestino, porque durante a faculdade eu comecei a ficar com uma pessoa, e essa pessoa era muito preconceituosa com nordestinos; só respeitava a minha família, mas eu via como era a relação dele com porteiros no centro⁴⁹, como era relação com qualquer outra pessoa que não fosse de São Paulo ou não fosse de outro lugar. De ter um sotaque e entender que a pessoa era burra, de entender que a pessoa não sabia o que estava falando. E aí é que eu fui entender porque o Nordeste era “não bom” para São Paulo de alguma maneira. E era bizarro, assim, porque ao entender isso, parecia que eu tinha que mudar todo meu estilo de vida e de como eu conhecia as coisas. Então, falar que não gostava de cuscuz paulista, no centro - porque não é um cuscuz, é uma coisa completamente misturada, aquilo não é cuscuz pra mim -, gerava uma conversa sobre isso; então, pra mim era cuscuz com ovo e manteiga. E isso sempre esteve na minha cabeça, que era isso, e sei lá. Conversar com pessoas e entender que elas nunca comeram cuscuz, que elas nunca comeram tapioca, até virar uma gourmetização do rolê inteiro, foi muito bizarro, assim.

Guilherme e Heronita comentaram ideias complementares acerca do sotaque. Enquanto ele descreveu ter visto o tratamento dado a nordestinos pelo ex-namorado, que considerava o sotaque como indicador de falta de inteligência, Heronita avaliou os próprios conterrâneos que, com o tempo, foram modificando palavras de seu vocabulário, ou mesmo o modo de falar, por estarem em outra cidade. Algo que muito provavelmente tem ligação com o preconceito sofrido, e essa mudança para “se adaptar” aconteceu como forma de se esquivar de situações de humilhação ou escárnio.

⁴⁹ O tratamento dado a porteiros e zeladores nordestinos foi tema do documentário “Os Raimundos, os Severinos e os Franciscos”, lançado em 1998 por Mauricio Dias & Walter Riedweg. Nele, cada migrante comenta seu cotidiano em edifícios paulistanos, e como se deu seu estabelecimento junto a familiares na capital. É possível assisti-lo no Vimeo. Disponível em: <<https://vimeo.com/270524583>>. Acesso em 26 jun. 2020.

Assim, eu lembro quando eu vim aqui pra São Paulo, aí minha ex-cunhada falava assim: “olha, Heronita, quando o carro passar, pelo amor de Deus, tu não chama ‘água sanitária’ não, que aqui em São Paulo chama ‘Cândida’”. E, com o passar do tempo, eu via no rótulo... não é “cândida”, é água sanitária mesmo. E “Cândida” é, simplesmente, um nome que se dá, da marca da água sanitária.

Retorno

*Só volto lá a passeio
No gozo do meu recreio
Só volto lá quando puder
Comprar uns óculos escuros⁵⁰*

Tom Zé

Heronita, assim como Clareth, veio para São Paulo em busca de melhor sustento para seus familiares. Clareth, para melhorar a vida da mãe e da filha, e Heronita, para acompanhar o então marido, que buscava melhores condições de emprego na capital paulista. Veio grávida da primeira filha, e aqui constituiu morada. As duas têm opiniões contrárias sobre a possibilidade de retorno às suas terras natais.

Clareth nasceu em Jenipapo de Minas – MG, e migrou depois de ter tido a primeira filha no estado de Minas Gerais. Em São Paulo, possuía uma prima que lhe proporcionou morada, arranjou emprego e conheceu Napoleão, também migrante na capital. Com o falecimento da mãe, mandou trazer a filha e constituiu família com esse novo companheiro, com quem mora junto há mais de vinte anos, se casou e possui filhos e netos.

Ó, minha história completa. Eu perdi meu pai com dez anos de idade. Aí já ficou minha mãe que não tinha condições de dar as coisas pra gente, né. Pros filhos, enfim. A gente não passou fome, mas também não tinha condições de ter... como se diz? Roupa, sapato, essas coisas. Aí com 15 anos tive uma filha, e queria, né, dar uma vida melhor pra ela e pra minha mãe, né. Por isso que eu decidi vir pra cá pra São Paulo, pra trabalhar pra ajudar minha filha e ajudar minha mãe. E eu tinha planos de voltar pra morar lá né, mas foi passando o tempo... Perdi minha mãe, e perdi minha vontade de voltar pra lá.

Heronita tem vontade de migrar novamente, única entrevistada que voltaria para a cidade natal e, enfatiza, com orgulho.

Sinto-me bem, mas com saudade dos meus entes queridos na Paraíba, voltaria sim, com certeza. Com muito orgulho. Amo meu Nordeste, gosto de São Paulo também. Me acolheu muito bem, mas amo a minha terra natal.

Sobre a questão da comunidade nordestina com força na região, apontada por Evellin, é possível compreender uma das motivações na entrevista de Napoleão. Ao citar nomes de

⁵⁰ MENINA Jesus. Compositor e intérprete: Tom Zé. In: CORREIO da Estação do Brás. Intérprete: Tom Zé. [S.I.]: Continental, 1978. 1 CD, faixa 1.

parentes e amigos que migraram para a cidade, ele diz “tudo com Eliene. A patota toda veio através de Eliene”. A partir dessa prima, diversos parentes migraram de Solânea, na Paraíba, para uma mesma região em São Paulo, e foi formada uma rede de conexões com pessoas vizinhas e trabalhadoras no mesmo serviço. Com isso, boa parte dos parentes de Napoleão que migraram junto com ele, antes ou depois, moram próximos um ao outro em duas ruas em Recanto Verde Sol.

Eu vim... Eu cheguei aqui no dia 30 de maio de 92. Eu vim com meu irmão Lula, falecido. E o objetivo é, era trabalhar para ter uma vida melhor, ajudar os pais... Deixei uma namorada lá... [...] eu vim primeiro para Sapopemba. Eu trabalhei 15 dias num prédio, mas emprego mesmo foi numa loja de móveis.

Napoleão é porteiro em um edifício residencial na Avenida Brigadeiro Luís Antonio. É também pedreiro: construiu sua casa a partir de 1997, e enquanto ficava pronta, morou com a irmã Rosa, na rua que faz esquina com a sua. Antes disso, residiu em Paraisópolis de frente para a família de Heronita, sua ex-cunhada. Hoje, transformou sua casa em três, para abrigar os filhos Camila e Gabriel, que se casaram e lhe deram netos, e para viver com Clareth e o filho caçula, Leonardo. Ele é um dos que comenta que migraria novamente, mas para outro lugar. Do mesmo modo fizeram seus irmãos e primos, próximos da idade de aposentadoria, comprando terrenos na cidade de Águas de São Pedro, no interior de São Paulo. A tendência é que o restante de primos, que ainda trabalham na capital, se desloque para o interior nos próximos anos.

Ele é um dos seis filhos de Maria Dijanira. Destes, cinco já moraram e quatro ainda moram hoje em São Paulo e Grande ABC. Três - Napoleão, Rosa e Djanildo - são praticamente vizinhos, todos moradores do Recanto Verde Sol. Como disse em sua entrevista, Napoleão e os irmãos vieram, entre 1992 e 1999, a partir da experiência da prima Eliene, já residente no Sudeste. Os irmãos dela também moram em vários locais do Estado de São Paulo e boa parte foi residente, por mais de vinte anos, na Rua São Pedro, uma das vias mais conhecidas do Recanto Verde Sol.

No início da década de 1990, a família Ferreira se organizou para comprar um lote e dividi-lo em cinco, onde moravam, lado a lado, a mãe Maria Zila e os filhos Manoel, José, Valdemar e Maria do Livramento. Do outro lado da rua morou ainda Maria das Graças, e no final da rua, Luís. Desse lote dividido, Evellin se lembra da história:

meu pai dizia que o terreno que muitos parentes nossos moravam, que eram primos dele, nas verdade deveria ser só um terreno na vertical, de uma rua, que é a nossa rua [das Oliveiras], mas só que eles decidiram dividir esse terreno inteiro e fazer na horizontal várias casas na rua de cima, na rua que fazia esquina [São Pedro]. Então, inclusive a calçada é maior e a rua se torna mais estreita quando chega na parte da casa deles. Dá pra perceber que quando vai pra outras casas, no decorrer da rua, a rua é mais larga um pouco - porque a rua já é estreita -, porque eles tiveram que deixar um pouco mais larga pras casas ficarem maiores.

O convívio entre familiares e amigos como vizinhos é visto também na narrativa de Guilherme, que diz ter um terceiro par de avós, “de criação”, que migraram junto a seu pai.

quando eu falo família, eu não digo tipo para os meus pais, porque aqui em São Paulo a minha família, ela não existe, de uma certa maneira. Família num sentido real assim da palavra, de sangue mesmo. Eu tenho parentes que foram amigos e que se tornaram parentes, e se tornaram a família né. Tipo, meu pai veio pra São Paulo Primeiro, parece que com a vizinha dele, do Rio Grande do Norte, e a família abraçou ele como uma pessoa pertencente à família deles e, desde então, eu atendo à mulher que trouxe ele como minha avó, então eu tenho três vós, eu tenho três vós e uma uma penca de primo, uma penca de pessoas, que só depois eu fui entender que realmente elas não são da minha família, e que eu tenho uma família no nordeste. [...] Eu acho que a minha vó - a que eu considero vó -, ela se organizou para vir com os filhos pra cá, e aí ela trouxe seis filhos ou sete, não sei se foram seis ou sete, acho que foram uns cinco, mas aí ela trouxe meu pai junto. Que meu pai é o único homem da família dele. De irmãos, assim. Ele tem sete irmãs e aí ele é o segundo mais velho. E depois só tem mulher, e aí ele foi o homem que falou “ah, vou para São Paulo”.

Ao relatar o processo de migração, mais uma sincronicidade: os pais de Guilherme, assim como familiares de Napoleão, tiveram sua primeira moradia - de aluguel - no Jardim Grimaldi, o que pode indicar parte de uma rota migratória que necessariamente passa pela Vila União e Sapopemba até chegar ao Iguatemi.

meu pai veio primeiro, e ele se estabeleceu um pouco aqui, e ficou em Sapopemba, que era onde todo mundo ficava, num apartamento super pequeno, ficava, dois quartos o apartamento, ficavam tipo oito pessoas. [...] Aí minha mãe morou um tempo no Grimaldi, numa casa que ela dividia... Aí era ela e meu pai, eu não lembro se eles se casaram antes e aí depois ele foi pra isso... Mas eu lembro que ele, meu tio Duda, ele tentou fazer com que minha mãe e meu pai fossem pra Santo André, pra São Bernardo, na real, e aí meu pai veio primeiro, tentou se estabelecer e ficou em Sapopemba, e minha mãe, quando veio, ela ficou em São Bernardo do Campo. E ela trabalhava numa loja de calçados. E aí depois ela se casou, e aí quem até entrou com minha mãe na igreja foi meu tio, foi meu tio? Não, acho que foi o filho do meu tio. E aí meu pai pediu a mão dela pro meu tio, essas coisas, aí eles tentaram ficar em Santo André, só que era muito caro, São Bernardo, na real; era muito caro pra eles, daí eles foram pro Grimaldi, ficaram um tempo lá, e aí, por algum motivo, alguma pessoa veio pra aqui, pra Terceira, pro Recanto, e falou “tá vendendo alguns lotes lá, tá vendendo algumas terras”, e eles compraram, acho que eles, minha mãe até falou que eles compraram, acho que o terreno por 600 reais na época.

Sobre essas redes sociais, Paulo Fontes comenta na apresentação do livro *Um Nordeste em São Paulo* que são “baseadas no mais das vezes em relações informais entre

familiares, amigos, conterrâneos e membros da comunidade”, e que são de grande importância no enfrentamento de adversidades nessa mudança de cidade e estado - e também país, já que muitos dos novos moradores das atuais ocupações são provenientes de vários países latinoamericanos ou mesmo de outros continentes. A isso acrescenta-se diversos pesos: culturas, cotidianos, distâncias, dinâmicas e classes sociais diferentes se chocando nessa complicada metrópole que é São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa, é possível compreender melhor como se deu a urbanização do entorno da Avenida Bento Guelfi, a partir da década de 1970. Inicialmente parte dos distritos de Guaianazes e Itaquera, a partir da década de 1980 os bairros ligados ao Jardim Iguatemi foram incorporados à subprefeitura de São Mateus, que tem sua história traçada desde fazendas constituídas no século 19, até a compra de terras feita pelos irmãos Bei, próximo à metade do século 20.

A partir da migração de nordestinos de vários estados, mineiros, paranaenses, e o deslocamento dos próprios paulistas e paulistanos, os bairros Jardim Alto Alegre e Recanto Verde Sol, assim como Jardim Laranjeiras, tiveram constituição parecida. Foram compras de lotes de terra, inicialmente chácaras, depois divididas em terrenos, e posteriormente ocupações - que continuam acontecendo -, que deram a cara dos bairros que existem hoje. Os moradores foram conhecendo a região por contato com amigos e parentes, e foram construindo suas moradas, muitos vivendo vizinhos a familiares que foram vindo e se agrupando na região. São trabalhadores de indústria, serviços e construção civil, que se deslocam diariamente para todas as outras regiões da cidade de São Paulo, e retornam a esses bairros, considerados dormitórios.

Com base nas entrevistas apresentadas, é possível apontar algumas hipóteses de como se deu a criação do bairro, em questões materiais, e, num campo mais subjetivo, pensar como as memórias foram construídas se considerarmos o cotidiano de cada um e sua relação com o bairro, local de origem, faixa etária, gênero, etnia, etc. Por exemplo: os entrevistados mais velhos e migrantes de outros locais foram mais sucintos em seus discursos, dando um panorama geral de suas vidas, e as narrativas foram concisas, mais curtas, sem, com isso, deixarem de ser coesas e coerentes. Talvez porque viver na região constitui apenas parte de suas vidas e rotinas diárias, pois migraram já adultos, e trabalhavam fora do bairro na maior parte de seus dias, ou mesmo dentro de casa, tendo rotina muito restrita a pequenos espaços. Os entrevistados mais jovens, que nasceram e/ou viveram a maior parte da infância e juventude no bairro, brincaram na rua, estudaram em escolas e socializaram com outros jovens em associações, lembram-se de maiores detalhes e fizeram alguma reflexão sobre a

mudança na paisagem, nos costumes, no cotidiano. A isso pode-se pensar no narrador sedentário e no narrador viajante, apresentados por Benjamin. São duas formas de absorver o entorno e passar notícias e observações adiante: o que fica e vê o espaço se transformar consegue enxergar detalhes que para o viajante passam despercebidos. Do mesmo modo, o narrador viajante traz esse olhar do exterior, e essa dinâmica entre olhares cria novos cenários e costumes no local de comum convívio.

A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições.⁵¹

“Ilusora de pessoas de outros lugares, a cidade e sua fama vai além dos mares”.⁵² São Paulo é um imã de pessoas de todos os lugares do Brasil e do mundo. Para aprofundar os estudos de organização espacial e constituição de território, compreender melhor essa ligação com os migrantes e a capital financeira do país, e o lidar com o poder público em busca de acesso ao que deveria ser garantido por lei, é preciso continuar estudando, dando atenção a essa parte tão viva quanto anônima entre os próprios paulistanos e estudiosos da cidade.

Há que se ter em mente não somente buscar uma história “técnica” de cada região, de como se formou, com dados estatísticos e burocráticos – que são de extrema importância –, mas uma história de vidas que se modificaram tremendamente por um motivo que move a humanidade a fazer grandes revoluções ao longo da história: não passar fome nem necessidade de nenhum tipo, dar aos seus condições melhores de vida do que vivenciaram e receberam em seu passado. Cada um de nós tem muita História para contar, com H maiúsculo. Somos mais de 12 milhões de pessoas em São Paulo, de 200 milhões no Brasil: História é o que não falta.

⁵¹ BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 198-199.

⁵² SCIENCE, Chico. A Cidade. Intérprete: Nação Zumbi. *In*: NAÇÃO ZUMBI. **Da lama ao caos**. [S.I.]: Chaos, 1994. 1 CD. Faixa 4.

FONTES

Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo

- Legislação estadual

Biblioteca Câmara Municipal de São Paulo

- Decretos
- Projetos de lei

Entrevistas feitas com moradores e ex-moradores dos bairros Terceira Divisão/Recanto Verde Sol e Jardim Alto Alegre, entre 01 de maio de 2019 e 17 de janeiro de 2021⁵³.

- Primeira entrevista, coletiva (01 mai. 2019)
 - Napoleão de Oliveira Araújo (nascido em 1974, PB)
 - Clareth Sousa Santos (nascida em 1967, MG)
- Segunda entrevista, coletiva (01 mai. 2019)
 - Maria Zila de Oliveira Ferreira (nascida em 1934, PB)
 - Maria Dijanira de Oliveira (nascida em 1940, PB)
 - Maria do Socorro de Oliveira Ferreira (nascida em 1975, PB)
- Terceira entrevista, individual (21 e 22 out. 2019)
 - Heronita Jerônimo do Nascimento (nascida em 1965, PB)
- Quarta entrevista, individual e à distância (25 out. 2019)
 - Evellin Jerônimo de Araújo (nascida em 1998, SP)
- Quinta entrevista, individual (31 out. 2020)
 - Guilherme Ferreira Soares (nascido em 1993, SP)
- Sexta entrevista, individual (04 nov. 2020)
 - Maria Bárbara Aparecida Primo Almeida (nascida em 1960, SP)
- Sétima entrevista, individual (04 nov. 2020)
 - Adriana Cleonice de Almeida (nascida em 1985, SP)
- Oitava entrevista, individual e à distância (17 jan. 2021)

⁵³ As entrevistas transcritas serão disponibilizadas em uma pasta no Google Drive. Disponível em <https://drive.google.com/drive/folders/1H3PIOp_psSzVhfk6JBZ7pZ6Y1HKQCDF0?usp=sharing>.

- Terezinha Ponciano Silva (nascida em 1941, BA)

Grupo I.B.E.I VIZINHANÇA SOLIDÁRIA - JARDIM IGUATEMI E REGIÃO, no facebook.

- Indicação de documentários
- Contato de moradores

Guias da Cidade de São Paulo

- Cartoplam
- Guia São Paulo
- Mapograf

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRUCK, Mozahir Salomão. **Profa. Eclea Bosi - Memória**: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. Dispositiva, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 196 - 199, nov. 2012. ISSN 2237-9967. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/4301>>. Acesso em: 06 mai. 2019.

FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo**: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

HISTÓRICO: conheça a história da Subprefeitura São Mateus. In: CIDADE DE SÃO PAULO: Subprefeitura São Mateus. Histórico. [São Paulo, SP]: Prefeitura Regional São Mateus, 2019. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_mateus/historico/index.php?p=438>. Acesso em: 13 mai. 2019.

LARANJEIRAS e o seu movimento na história. Idealização: Anderson Grima e Daniela Lima. Captação e edição de vídeo: Vinicius Cölla. São Paulo: Arteiros Produções, 2020. 1 vídeo (91 min). Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=6fsRcKICSEc&ab_channel=ArteirosProduções> Acesso em 20 jan. 2021.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **Nordestinos na zona leste de São Paulo**: subjetividade e redes de migrantes. Travessia: Revista do Migrante, São Paulo, v. 28, n. ja/ju 2015, p. 99-112, 2015. Disponível em: <<https://bdpi.usp.br/item/002756519>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

MENEZES, MARILDA APARECIDA; COVER, MACIEL. **Trabalhadores migrantes**: formas de resistência. Travessia: Revista do Migrante, São Paulo, v. 1, p. 79-88, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/38291928/Trabalhadores_migrantes_formas_de_resist%C3%Aancia_cotidiana>. Acesso em: 01 abr. 2019.

MORTE e vida Severina. Direção: Zelito Viana. Rio de Janeiro: Embrafilme - Empresa Brasileira de Filmes S.A, 1977. 1 vídeo (89 min). Publicado pelo canal Prof. Emílio Sarde. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6qAeewVzS3Y&t=1432s&ab_channel=Prof.Em%C3%ADlioSarde>. Acesso em 6 jan. 2021.

O HOMEM que virou suco. Direção: João Batista de Andrade. São Paulo: Embrafilme - Empresa Brasileira de Filmes S.A, 1980. 1 vídeo (95min). Publicado pelo canal . Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FF70tq8QSS4&t=4s>>. Acesso em jan. 2020.

OS RAIMUNDOS, os Severinos e os Franciscos. Direção: Mauricio Dias & Walter Riedweg. Basileia: Video Audio Atelier, 1998. 1 vídeo (50min). Publicado pelo canal DIAS & RIEDWEG. Disponível em <<https://vimeo.com/270524583>>. Acesso em: jul. 2019.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, 22. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10728>>. Acesso em 26 jul. 2019.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 15, set. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11215/8223>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ROLNIK, Raquel; FRÚGOLI JR., Heitor. **Reestruturação urbana da metrópole paulistana**: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. *Cadernos Metrópole*, [S.l.], n. 06, p. 43-66, maio 2012. ISSN 2236-9996. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/metropole/article/view/9268>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

SOUSA. Adriano José de. **A Cidade de São Paulo chega a São Mateus**: o processo histórico do rural, do suburbano e da periferia (1948-1970). *In: 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*. Recife: ANPUH-Brasil, 2019.

SOUSA. Adriano José de. **Cotidiano e lutas sociais na periferia de São Paulo**: sujeitos históricos da urbanização de São Mateus (1950-1992). *In: HISTÓRIA & DEMOCRACIA: PRECISAMOS FALAR SOBRE ISSO. ANAIS DO XXIV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-SP, 2018 Anais [...]*. Guarulhos: UNIFESP, 2018. SOUZA, João Carlos de. **Cultura e valores**: representações dos ocupantes de terra na zona leste de São Paulo. São Paulo: PUC, 1993.

SOUZA, Thiago Romeu de. **Lugar de origem, lugar de retorno**: a construção dos territórios dos migrantes na Paraíba e São Paulo. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

VIRAMUNDO. Direção e roteiro: Geraldo Sarno. São Paulo: Thomaz Farkas, 1965. 1 vídeo (38min). Publicado pelo canal Carlos Alexandre do Nascimento. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QFP--zJ_3pk&ab_channel=CarlosAlexandreNascimento>. Acesso em 22 jan. 2021.

WEBER, Regina. **Pesquisas sobre migrações e etnicidade**: conhecimento sobre identidades coletivas. *História, Assis/Franca*, v. 37, e2018006, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742018000100606&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 mai. 2019.

APÊNDICE

Playlist apresentada ao longo do texto, disponibilizada no Spotify⁵⁴:

1. Zé Ramalho - Canção Agalopada
2. Zé Ramalho - A Terceira Lâmina
3. Red Hot Chili Peppers - Tell me baby
4. Zé Ramalho - O Sobrevivente
5. Frank Sinatra - My way
6. Sid Vicious - My way
7. Zé Ramalho - Jardim das acácias
8. Palavra Cantada - Criança não trabalha
9. Tom Zé - Menina Jesus
10. Chico Science e Nação Zumbi - A cidade

⁵⁴ Afastados da terra. Playlist por Helen Araújo. Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/1JS2hz5rb9EzNM6VOh7cC7?si=6ZlpExe8Oc6RPKVr3JA9Xw>. Acesso em: jan. 2021.